



Autor _ PESSOA
Título _ MENSAGEM

**Livro
do
professor
venda
proibida**

Copyright – Hedra 2007
Edição consultada – Fernando C. Martins (org.),
Assírio & Alvim, 1997
Ano da primeira edição – 1934
Agradecimentos – Érico Nogueira, Jaime K. Wada
e Pedro Marques
Corpo editorial – André Fernandes,
Iuri Pereira,
Jorge Sallum,
Oliver Tolle,
Ricardo Martins Valle,
Ricardo Musse

Dados –

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

Pessoa, Fernando (1888–1935)

Mensagem. / Fernando Pessoa. Organização de
Caio Gagliardi. — São Paulo: Hedra, 2007.
162 p.

ISBN 978-85-7715-138-0

1. Literatura. 2. Literatura Portuguesa.
3. Poesia. 4. Modernismo. I. Título. II. Pessoa,
Fernando (1888–1935). III. Gagliardi, Caio,
Organizador.

CDU 869

CDD 869.1

Elaborado por Wanda Lucia Schmidt CRB-8-1922

Direitos reservados em língua
portuguesa somente para o Brasil

EDITORA HEDRA LTDA.

Endereço – R. Fradique Coutinho, 1139 (subsolo)
05416-011 São Paulo SP Brasil

Telefone/Fax – +55 11 3097 8304

E-mail – editora@hedra.com.br

Site – www.hedra.com.br

Foi feito o depósito legal.

Autor _ PESSOA
Título _ MENSAGEM
Organização _ CAIO GAGLIARDI
São Paulo _ 2013

hedra

-
-
-
-
- **Fernando António Nogueira Pessoa** (Lisboa, 1888–*id.*, 1935) é o mais importante poeta português do século xx. Aos sete anos, muda-se com a mãe para Durban, na África do Sul, onde é alfabetizado na língua inglesa. Em 1905, retorna definitivamente para sua cidade natal e ingressa na Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Começa a publicar textos de crítica na revista *A águia*, em 1912, e a colaborar em jornais e revistas, sendo a principal delas a *Orpheu*. Cria os heterônimos Alberto Caeiro, Álvaro de Campos e Ricardo Reis, o “semi-heterônimo” Bernardo Soares e o ortônimo “Pessoa ele-mesmo”. Durante sua vida publicou em livro apenas *Mensagem* (1934). Trabalhou em Lisboa como tradutor e “correspondente estrangeiro” de casas comerciais. Falece em decorrência de uma cirrose hepática aos 47 anos, nesta mesma cidade.

Mensagem (1934) é o único livro em português que Pessoa publicou em vida. Os poemas foram escritos ao longo de toda sua carreira. A obra é composta por 44 textos, que podem ser lidos independentemente, mas que, em conjunto, formam um único poema dividido em três partes: “Brasão”, “Mar português” e “O Encoberto”. A leitura de *Mensagem* é enriquecida pelo conhecimento da história de Portugal e de sua epopeia *Os lusíadas*, de Camões. Por esse motivo, optamos por publicar, ao final da obra, um “Glossário” de figuras históricas e mitológicas e uma seleção, chamada de “Intertexto”, com as passagens de *Os lusíadas* que são referidas por Pessoa.

—

—

Caio Gagliardi é professor do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculos da Universidade de São Paulo, na área de Literatura Portuguesa; mestre e doutor em Teoria e História Literária pela Unicamp e pós-doutor em Teoria Literária pela USP. É também pesquisador da obra de Fernando Pessoa e editor do site *Crítica & Companhia*.



SUMÁRIO

Introdução, por Caio Gagliardi	9
Mensagem	33
Datas dos poemas	121
Intertexto: <i>Os lusíadas</i>	123
Glossário	139
Bibliografia	153
Índice	155



INTRODUÇÃO:

| 9

A PÁTRIA DE SONHO PORTUGUESA

Eu nunca fiz senão sonhar.
Tem sido esse, e esse apenas, o sentido da minha vida.

FERNANDO PESSOA, *Livro do desassossego*

I

Uma das modernas correntes de interpretação da História defende que entre um texto e o “fato” estará sempre outro texto, seja ele relato ou ficção. Presos ao nosso tempo, o passado nos chegará por mediações, perspectivas – não simplesmente acontecimentos, porque falar deles é já os transformar numa outra coisa; mas acontecimentos, portanto, convertidos em textos. Todo início, para que seja entendido como início, é já um texto.

De modo análogo, a cultura se fará do diálogo entre seus atores. Muitos de nossos mitos culturais não são o que são por terem “acertado”, porque a categoria de acerto, como a de verdade, tem um prazo de validade, ela expira com o tempo. Marx e Freud, para pensarmos em dois nomes decisivos para o século XX, são o que são, não por terem descoberto verdades, mas por terem inventado as suas. E, talvez se possa acrescentar, por nos terem convencido a usar seu vocabulário e suas estruturas de argumentação para pensar o mundo em que há algumas décadas vivíamos. Não é de hoje, no entanto, que suas palavras nos parecem por demais antiquadas, estereotipadas pelo

INTRODUÇÃO

10 | uso comum, para construir o mundo que desejamos tratar como nosso.

Estando a palavra atada a outras palavras, e incapaz de romper o laço que a isola do mundo das coisas, não surpreende a afirmação do crítico e pensador português Eduardo Lourenço, para quem “toda a obra de Pessoa é uma disputa concreta com outra obra sobre que se apóia para a transcender ou lhe imprimir um desvio que inteiramente a desloca, na forma e na substância, do seu lugar matricial”¹. Toda a literatura é um diálogo entre textos. Mas para Lourenço, a noção de tradição literária como uma disputa de espaço entre autores conduz a uma leitura psicológica do poeta: levado pela ambição intelectual, será Pessoa um gênio invejoso e obcecado por desbancar, ou deslocar de lugar, o gênio anterior.

É assim que, em “Camões e Pessoa”, o crítico trata *Mensagem* como um poema em que negações significam afirmações, em que ausências constituem presenças; um poema no qual, sintomaticamente, Pessoa estaria “freudianamente liberto da referência textual camoniana” e, ainda, que realizaria o “assassinato ritual de Camões”.

A despeito da escrita, não propriamente emotiva, mas emocionada de seu autor, e de uma fineza ensaística que lhe confere lugar de destaque entre os comentadores de Pessoa, essa é uma conhecida, e porventura infeliz, concepção do fazer literário².

¹ Eduardo Lourenço, “Camões e Pessoa”, em revista *Brotéria*. Lisboa, nº 7-9, p. 56, jul-ago. 1980.

² O artigo de Eduardo Lourenço, de 1980, foi publicado sete anos depois do lançamento de *The anxiety of influence* (New York, Oxford University Press, 1973), do crítico norte-americano Harold Bloom, hoje um autor *best-seller* com suas seleções de “cânones” e eleições de “gênios” da literatura mundial. Seu livro, traduzido para o português como *Angústia da influência*, realiza uma interpretação autêntica da noção de tradição. Bloom lança ali um conceito curioso: os grandes poetas fizeramam

CAIO GAGLIARDI

11

Por detrás dela está, como se poderá prever, o texto escandaloso de um Fernando Pessoa muito jovem, ainda inédito e desconhecido, e recém-chegado de Durban a Lisboa. O artigo, intitulado “A nova poesia portuguesa sociologicamente considerada” (1912)³, é publicado em *A águia – revista de literatura e crítica* (1910), órgão principal do movimento cultural e intelectual da Renascença Portuguesa, e que contava com nomes como o filósofo Leonardo Coimbra, o poeta, ensaísta, dramaturgo e historiador Jaime Cortesão, e o poeta e pensador místico Teixeira de Pascoas. Ali, Pessoa procura demonstrar racionalmente que “em Portugal se prepara um ressurgimento assombroso”. Dizendo de outro modo, um país, segundo Pessoa, marcado por um cenário político “pobre”, “deprimido” e “mesquinho”, aguardaria a chegada de um “super-Camões”, e a Europa, de uma “mensagem civilizacional”.

O autor de *Mensagem* de que tratarei aqui não é propriamente um rival de Camões, porque, para Pessoa, Camões não é (como não são Viriato, Nun’Álvares Pereira ou D. Afonso Henriques) simplesmente um outro autor ou uma personagem histórica. Camões, imperador de um império

suas obras *deslendo* outros grandes poetas. A relação dos poetas fortes entre si é conflituosa. Esse conflito recebe de Bloom uma interpretação psicologizante: o poeta sucessor sofre de uma “angústia da influência” com relação ao precedente, isto é, uma espécie de complexo de Édipo do criador, que ele deve superar rompendo, reescrevendo, reinterpretando, desenvolvendo ou recuperando seu antecessor. Se, por um lado, Bloom deve à T. S. Eliot o movimento de revitalização da tradição, a ele se opõe ao retomar a noção romântica de “homem de gênio”, que diverge da concepção eliotiana de “despersonalização”, e que não está longe da postura crítica de um Lourenço que escreveu: “O autor deste ensaio toma a sério e em toda a sua extensão a idéia de que Pessoa é uma natureza genial”. Em: Eduardo Lourenço, *Fernando Pessoa revisitado – leitura estruturante do drama em gente*, 2ª ed., Lisboa, Moraes, 1981 (1974), p. 19.

³ Fernando Pessoa, *A nova poesia portuguesa*, Lisboa, Inquérito, 1944.

INTRODUÇÃO

12 | extinto, é parte do próprio sangue espiritual de Portugal, convertido no sentimento que melhor o define, a saudade. Lembre-se de que os poemas mais antigos de *Mensagem* datam ainda do período saudosista, justamente protagonizado por aqueles que contribuía com *A água*.

Ao pressupor *Os lusíadas*, Pessoa se torna não um gênio edipianamente corroído pela inveja do pai-precursor (se esse mal o afetava em seus sonhos e pensamentos íntimos, deixemo-lo com ele), mas, mais propriamente, um rival de seu próprio tempo que, entendendo a arte como uma *missão civilizacional*, precisava distanciar-se de si próprio, isto é, de sua personalidade, e de seu contexto de produção, para então atuar sobre ambos de forma radicalmente renovadora. É nesse sentido que ele escreve: “um homem de gênio é da sua época só pelos seus defeitos. A nossa época deduz-nos da humanidade. Como o artista deve procurar erguer-se acima da sua personalidade, deve procurar levantar-se fora da sua época”⁴.

Pessoa anunciava assim suas diferenças com o movimento saudosista, em cujas águas bebeu, sem, de fato, ter matado a sede. Essas diferenças, alçadas a um outro patamar, culminariam no lançamento do primeiro número da revista *Orpheu* (1915), marco histórico do Modernismo português. Para o Pessoa autor de *Mensagem*, não cabe a metáfora do “romano voltado para dentro”, marcante da introspecção do poeta do *Cancioneiro*, mas a imagem de um autor ciente da crise institucional de seu país, e que, com toda a carga da história recente nos ombros, estava voltado

⁴ Fernando Pessoa, *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, 2ª ed., textos estabelecidos por Georg Rudolf Lind e Jacinto do Prado Coelho, Lisboa, Ática, 1973, p. 19-20.

CAIO GAGLIARDI

a encontrar saídas para ela. Não foi outro o autor que, destilando o ácido de sua ironia, disparou: “O contributo inglês para a substância da civilização foi a política, não a navegação. A Inglaterra só encontrou o mar depois de lhe terem dito onde ficava”⁵.

13

II

Publicado em 1934, na tumultuosa fase republicana, *Mensagem* é obra que “lê” outra, inserindo-se numa tradição de outras tantas “leitura” de um dos mitos fundadores da moderna cultura portuguesa⁶. Mas estar inserido nessa tradição não significa, necessariamente, uma simples deliberação, marca de particularidade ou idiosincrasia de Pessoa. Ao pressupor *Os lusíadas*, *Mensagem* segue o ideal humanista de emulação com o gênero imitado. De uma perspectiva menos míope às contingências históricas de escrita do poema, essa emulação pode ser interpretada como reação a um momento de crise e instabilidade que se revela decisivo para a cultura portuguesa.

Pessoa não tinha completado dois anos quando, em 11 de janeiro de 1890, a Inglaterra, numa manobra de exibição de sua soberania internacional, impõe a Portugal uma de suas maiores humilhações, exigindo, sob pena de invadi-

⁵ Fernando Pessoa, “Erostratus”, em *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, op. cit., p. 253.

⁶ No Brasil, num momento em que não se pode ainda falar de uma literatura completamente nacional, o primeiro poema heróico sobre o nativo é o *Uruguai* (1769), de Basílio da Gama, seguido do *Caramuru* (1781), de Santa-Rita Durão. Em Portugal, entre muitas referências importantes, chamam a atenção dois poemas iluministas, escritos em oitava rima, *Gama* (1811) e *O oriente* (1814), em que José Agostinho de Macedo presume, este sim, desbançar *Os lusíadas*. Mas é sobretudo *Camões* (1825), de Almeida Garrett, um poema em tom elegíaco e habitualmente considerado o marco inicial do Romantismo, que contribuiu para a popularização do mito camoniano.

INTRODUÇÃO

14

lo, a retirada imediata das tropas estacionadas no norte da África. O consentimento com o *Ultimatum* deflagra o papel secundário de Portugal no contexto neo-imperialista. Uma das conseqüências disso é o acirramento do velho clima de discórdia da população com relação à Monarquia, que culmina no assassinato do rei D. Carlos e de seu sucessor direto, D. Filipe. A subida ao trono do infante D. Manuel não o manteria ali por mais do que dois anos. Sua deposição coincide com a proclamação da República, em 5 de outubro de 1910, o que, no entanto, não é capaz de apaziguar o clima de revanchismo entre a população. Novamente, o assassinato do presidente Sidônio Pais, por um monarquista, ocorrido em 1918, dá demonstrações de uma contínua crise institucional que só é realmente aplacada nos últimos anos do poeta, com a instalação do Estado Novo (1932) e a subida de Salazar ao poder.

Esse era, em suma, o clima turbulento de Portugal no tempo de Pessoa. E a história (não apenas a portuguesa) revela que em momentos como esse, conturbados ou de crise, manifesta-se um movimento comum a diferentes culturas, e freqüentemente encarado como oportunidade de projeção política e ideológica por governos de inclinação populista, que consiste no resgate e reforço de seus mitos tradicionais, do sentimento de identidade cultural e nacional, por vezes aplacado pela estabilidade político-econômica. Em essência, não diferiu disso o que ocorreu, por exemplo, no século XVII, em Portugal, então humilhado pela dominação espanhola, e que, ao se libertar, manifestou, no período conhecido como Restauração, e por intermédio do padre jesuíta Antônio Vieira, então regresso da Bahia, uma sensível valoração da língua portuguesa.

CAIO GAGLIARDI

À luz dessa instabilidade política, é natural que nos perguntemos quem foi Fernando Pessoa. E tão natural quanto evidente é constatar que essa é uma pergunta para a qual o autor deixou várias respostas, não raramente contraditórias entre si, e que, se consideradas em conjunto, resultam numa nebulosa espessa. Talvez por esse motivo, a que possivelmente mais ecos produza entre seus leitores seja aquela instalada num paradoxo, e que abre um dos mais extraordinários poemas assinados como Álvaro de Campos: “Não sou nada. / Nunca serei nada. / Não posso querer ser nada. / À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo”.

15

Pessoa, o inventor de Campos e tantos mais, sonhou-se poetas e não-poetas, entre os quais um que era pensador, e como pensador se voltou para Portugal, para o que chamou de “problema nacional”. Se respostas a esse “problema” alguns artigos publicados em revista e jornal procuraram fornecer, e um velho baú nos reservava em muitos fragmentos manuscritos e datilografados, um longo poema fez disso seu pilar central.

Ambos, pensador e poeta, coincidentes na idéia e diferentes no discurso, abrigaram-se sob o nome “Fernando Pessoa”. O disperso legado do primeiro, postumamente recolhido de um total de 27 543 textos, foi organizado em volume, com título cooptado de dois projetos literários do autor: *Sobre Portugal – introdução ao problema nacional*. O do segundo, que nos chegou pronto – obra na acepção estrita, organizada e revista –, é justamente *Mensagem*.

A leitura do volume a respeito do “problema nacional” revela a visão fundamental de Pessoa a respeito de seu país, a de que sobre Portugal pesa o signo da decadência. Não surpreende o fato de Pessoa ser crítico com relação à República,

INTRODUÇÃO

16 | que julgava uma forma de “decadência” institucional e de “desnacionalização”. Para ele, tal como instaurada em seu país, a República teria sido fruto de um processo histórico caracterizado por duas causas, uma imediatamente anterior a ela, outra mais remota. A mais recente teria sido a implantação, em 1820, de um sistema monárquico estrangeiro (porque tipicamente inglês), que teria banido de Portugal o que Pessoa chama de governo “à portuguesa”. Mais remotamente, Pessoa se refere ao desaparecimento do rei D. Sebastião no Marrocos, na batalha de Alcácer-Quibir (1578), que define como “decadência propriamente dita”. Essas três etapas da história portuguesa – o desaparecimento de D. Sebastião (ao qual se sucedeu a invasão espanhola), a implantação da Monarquia e a proclamação da República – teriam interferido de modo decisivo na vida nacional portuguesa, sendo, segundo Pessoa, causa da “desorientação em que temos vivido”, ou da “decadência em que temos vegetado”⁷.

Mensagem é o único livro em português que Pessoa viu publicado⁸. É também, e a exemplo de *O Fausto* e de *O livro do desassossego*, obra de toda uma vida. Seu texto mais antigo chamava-se “Gládio”, foi escrito em 1913, ano anterior ao do surgimento dos heterônimos, e faz parte de *Mensagem* sob o título “D. Fernando, infante de Portugal”; os mais recentes são do mesmo ano de publicação do livro e penúltimo ano de vida do poeta, 1934. Numa carta de 1915,

⁷ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal – introdução ao problema nacional*, recolha de textos de Maria Isabel Rocheta e Maria Paula Mourão, introdução e organização de Joel Serrão, Lisboa, Ática, 1979, p. 130.

⁸ Os volumes publicados em vida de Pessoa são: 1) *35 Sonnets*, by Fernando Pessoa, Lisboa, Monteiro e Co, 1918; 2) *Antinous*, a poem by Fernando Pessoa, Lisboa, 1918. Versão definitiva em *English poems I-II*; 3) *English poems I-II; Antinous, inscriptions*, Lisboa, 1921; 4) *English poems III; (Epithalamium)*, Lisboa, 1921; 5) *Mensagem*, Lisboa. Parceria António Pereira, 1934.

CAIO GAGLIARDI

endereçada a Armando Côrtes-Rodrigues, seu companheiro de geração, Pessoa escreve: “A idéia patriótica, sempre mais ou menos presente nos meus propósitos, avulta agora em mim e não penso em fazer arte que não medite fazê-lo para erguer alto o nome português através do que eu consiga realizar. É uma conseqüência de encarar a sério a arte e a vida”⁹. Daí até a publicação deste livro seriam 19 anos.

17

III

Distantes, portanto, da interpretação psicológica da inevitável aproximação entre *Os lusíadas* e *Mensagem*, diga-se aqui que sem a imposição de suas diferenças não se lê, não se enxerga este poema, pois demasiado grande é a sombra de Camões. Essas diferenças adquirem relevo, a começar pelo fato de que, enquanto *Os lusíadas* recontam cronologicamente a história de Portugal até seu momento de escrita, *Mensagem* interrompe seu percurso, repleto de lacunas, no século XVII, precisamente na derrota em Alcácer-Quibir. A partir de então, inicia-se no poema um segundo tempo, caracterizado pela espera profética do retorno do Encoberto, o rei D. Sebastião, morto em batalha, e que, por meio da figura de algum outro expoente histórico, reerguerá o Império português.

Um poema patriótico, do gênero de *Os lusíadas* e da *Iliada*, é uma epopéia. *Mensagem*, ao tematizar Portugal, guarda uma inconfundível marca épica. Mas se em *Os lusíadas* a saga de um povo é narrada por uma única *persona* poética distanciada, que se confunde com a imagem do pró-

⁹ Fernando Pessoa, *Cartas de Fernando Pessoa a Armando Côrtes-Rodrigues*, introdução de Joel Serrão, Lisboa, Inquérito, s/d., p. 74.

INTRODUÇÃO

18 | prio Camões, *Mensagem* é um arranjo de vozes, um poema composto por muitos pontos de vista: é, às vezes, o monólogo da figura heróica que intitula suas partes, noutras é a voz de um eu lírico distanciado e impessoal, que se manifesta tanto na primeira pessoa do singular quanto na primeira do plural; e em outros poemas é uma voz que se dirige para a figura-título do texto.

Se de certo ângulo é possível pensar que estamos diante de um poema épico, de outro ele se parecerá com um texto dramático. Mas é ainda necessário notar que *Mensagem* não festeja Portugal, no sentido de cantar feitos heróicos e conquistas. Seu tom lírico, portanto menos elevado que o da épica, nutre pelo país uma ternura melancólica: “Screvo meu livro à beira-mágoa”. Revela-se aí uma saudade do que um dia se fez, mas que não se transforma simplesmente em lamento pelo que foi perdido, porque na constatação da decadência do Império está também a identificação do anúncio de uma outra forma de ascensão que se supõe estar prestes a acontecer. Uma saudade, portanto, que traz consigo a esperança do que se poderá vir a ser: “Cumpriu-se o Mar, e o Império se desfez. / Senhor, falta cumprir-se Portugal!” Desse ângulo, *Mensagem* apresenta-se como uma forma de elegia. Em síntese, essa feição *pangénérica* do poema é um de seus principais traços distintivos.

Para Pessoa, o que importa não é narrar os feitos heróicos portugueses e deles depreender sua dimensão moral, tal como acontece em *Os lusíadas*, mas extrair do acontecimento seu conteúdo simbólico, uma vez que, em *Mensagem*, Portugal deixa de ser uma simples nação, ou um ex-Império, e ascende à universalidade: “As nações todas são mistérios. / Cada uma é todo o mundo a sós”.

CAIO GAGLIARDI

Sob essa perspectiva, interessa a Pessoa rever os feitos realizados pelo homem como guiados pela mão divina: “O homem e a hora são um só / Quando Deus faz e a história é feita”; ou então: “Meu dever fez-me, como Deus ao mundo”. É desse entrelaçamento de Deus com o homem que se delineia no poema o destino sagrado de Portugal: “Todo começo é involuntário. / Deus é o agente, / O herói a si assiste, vário / E inconsciente”; e ainda: “Foi Deus a alma e o corpo Portugal / Da mão que o conduziu”.

O fluxo contínuo da História sofrerá, portanto, a ação de homens que, levados pelo ímpeto heróico, mas inconscientes do próprio ato e de suas conseqüências, são instrumentos da decisão divina: “Ninguém sabe que coisa quer. / Ninguém conhece que alma tem”. A natureza desta mensagem está, assim, na sua epígrafe (“Bendito Deus Nosso Senhor Que Nos Deu O Sinal”), como um desígnio de caráter divino para Portugal. Por outro lado, as conquistas, a expansão territorial, que glorificaram o passado português, em *Mensagem* são uma mostra de que o país apresenta condições para a construção de um mito, de um Império não-material: “O mito é o nada que é tudo”. E o que é o sebastianismo senão uma lenda que escorre pelos séculos, mas que, ao perdurar, aproxima o passado ao futuro de uma nação, fornecendo, por assim dizer, a substância de sua alma? Um nada, portanto, que é tudo: “Assim a lenda se escorre / A entrar na realidade, / E a fecundá-la decorre. / Em baixo, a vida, metade / De nada, morre”. Eis idéia similar, já manifesta em *A nova poesia portuguesa*:

E a nossa Raça partirá em busca de uma Índia nova que não existe no espaço, em naus que são construídas “daquilo que os sonhos

INTRODUÇÃO

20

são feitos”. E o seu verdadeiro e supremo destino, de que a obra dos navegadores foi o obscuro e carnal antiarremedo, realizar-se-á divinamente¹⁰.

IV

Pessoa afirmava-se como um “construtor de mitos”. Uma de suas construções mais marcantes em *Mensagem* é a associação do mito sebastianista ao do Quinto Império¹¹. Para nós, seus leitores, e presumivelmente mesmo para o português que não folheou *Mensagem*, essa associação entrou na realidade.

Segundo Pessoa, o regresso de D. Sebastião inaugurará o Quinto Império. Esse mito tornou-se tradicional em Portugal depois de fixado pelo padre jesuíta Antônio Vieira, a partir da leitura que fez das trovas populares de um sapateiro medieval chamado Bandarra. Historicamente, há muitas reinterpretações desse mito, sendo a de Vieira, realizada na *História do futuro*, a mais influente sobre Pessoa. Para Vieira, a chegada do Quinto Império acontecerá não apenas em pouco tempo, como em Portugal. Em *Esperanças de Portugal, o Quinto Império do mundo*, um Vieira profético defende a tese de que é D. João IV quem encarna o regresso de D. Sebastião, uma vez que sua volta teria ocorrido, não

¹⁰ Fernando Pessoa, *A nova poesia portuguesa*, op. cit., p. 86.

¹¹ Eis, possivelmente, o primeiro testemunho do interesse de Pessoa em relacionar os dois mitos, em carta que envia ao pensador sebastianista Sampaio Bruno: “Por uma natural aptidão para os requintes das coisas simples, como, no caso presente, o patriotismo, e também por uma indefinida veia messiânica – já expressa em artigos em *A águia*, onde o menos que se vaticina é o, agora muito próximo, aparecimento de um super-Camões, sinto que me atraí o misterioso, e porventura importantíssimo, fenômeno nacional chamado Sebastianismo.” Carta a Sampaio Bruno, de 8/9/1914. Em Fernando Pessoa, *Correspondência – 1905-1922*, organização de Manuela Parreira da Silva, São Paulo, Companhia das Letras, 1999, p. 125.

CAIO GAGLIARDI

segundo a própria imagem, mas na figura de um outro; daí o cognome O Encoberto.

| 21

Vejamos como Pessoa reformula esse mito.

Para o autor de *Mensagem*, os impérios decadentes não são os impérios do mundo antigo, como o persa, o assírio, o egípcio e o chinês, porque o mundo, do seu ponto de vista, é a Europa ocidental, e, portanto, os impérios que caíram seriam o grego, o romano, o da Europa cristã e o da Europa iluminista: “A Europa jaz, posta nos cotovelos: / De Oriente a Ocidente jaz, fitando.”; e ainda: “Grécia, Roma, Cristandade, / Europa – os quatro se vão”.

O Quinto Império diferirá desses por não se basear na violência, produzida pelas formas tradicionais de poder, tais como a guerra, a colonização e a evangelização, mas na paz universal, que só poderá ser alcançada por meio da universalização de uma cultura. E essa cultura será reerguida da mais profunda decadência e desnacionalização. É, portanto, no solo da crise cultural e institucional portuguesa que Pessoa semeia esses mitos antigos. No poema citado, a Europa “Fita, com olhar ’sfingico e fatal / O Ocidente, futuro do passado. / O rosto com que fita é Portugal.”

Num dos fragmentos de *O livro do desassossego*, o autor revela o impacto do mito do Quinto Império sobre si e sobre o sentimento que nutriu a respeito da língua portuguesa, veículo do mito, manejada por seu “imperador”, Antônio Vieira. Não é de se estranhar, portanto, que sua interpretação do mito associe a língua de Vieira ao, por assim dizer, futuro Renascimento português:

Não choro por nada que a vida traga ou leve. Há porém páginas de prosa que me têm feito chorar. Lembro-me, como

INTRODUÇÃO

22

do que estou vendo, da noite em que, ainda criança, li pela primeira vez, numa seleta, o passo célebre de Vieira sobre o Rei Salomão. “Fabricou Salomão um palácio...” E fui lendo até ao fim, trêmulo, confuso; depois rompi em lágrimas felizes, como nenhuma felicidade real me fará chorar, como nenhuma tristeza da vida me fará imitar. Aquele movimento hierático da nossa clara língua majestosa, aquele exprimir das idéias vocálico em que os sons são cores ideais – tudo isso me toldou de instinto como uma grande emoção política. E, disse, chorei; hoje, relembando, ainda, choro. [...] Não tenho sentimento nenhum político ou social. Tenho, porém, num sentido, um alto sentimento patriótico. Minha pátria é a língua portuguesa¹².

Esse “Império cultural” será, segundo Pessoa, capitaneado pela onipresença de uma língua, e essa língua não se afirmará como um sistema gramatical, mas poético. Desse ponto de vista, ao escrever “minha pátria é a língua portuguesa”, Pessoa não se referia simplesmente a uma língua entre tantas, mas a uma língua que se tornaria universal. *Mensagem* parece ter, a todo momento, esse mesmo movimento – do particular para o universal, do quintal português para o mundo.

Prosseguindo pelas considerações de Pessoa, a ascensão desse império cultural só poderia ocorrer com o retorno de D. Sebastião. E isso não teria acontecido, apesar da sugestão de Vieira, com D. João IV. Também não terá se dado com Sidônio Pais, a quem Pessoa dedica um poema, por ocasião de sua morte por um monarquista radical: “Regresse sem que a gente o veja, / Regresse só que a gente o sinta – / Impulso,

¹² Citado em João Gaspar Simões, “Messianismo político”, em *Vida e obra de Fernando Pessoa – história duma geração*, 6ª. ed, Lisboa, Dom Quixote, 1991, p. 553.

CAIO GAGLIARDI

luz, visão que reja / E a alma pressinta!”¹³ A identificação do retorno do Encoberto, ainda não realizada, requererá uma habilidade especial:

| 23

Há muitas vezes acontecimentos cuja importância é velada no tempo em que se dão, e nos tempos que se lhe seguem. Os acontecimentos chamados homens de gênio são exemplos típicos; nenhum, ou quase nenhum, homem de gênio é conhecido como tal, ou como tal devidamente apreciado em sua época e na época a ela próxima, e, por isso, aos que vivem em sua época, as datas de sua vida serão, se apontadas em profecia, ou tomadas por sem sentido nenhum (o que será raro, dada a mente conturbada dos interpretadores de profecias) ou transposta para outros acontecimentos, sem razão fundamentada, fora da apetência da época, para serem profetizados¹⁴.

Com os fantasmas de D. João IV e de Sidônio Pais em mente, Pessoa considera que Portugal aguardaria uma “segunda vinda”. Mas agora, torna-se claro para si que o Quinto Império não pode ser chefiado por políticos, uma vez que estes, ao serem derrotados, arrastariam consigo sua obra. O novo império deverá ser um império cultural: “Só a Arte é útil. Crenças, exércitos, impérios, atitudes – tudo isso passa. Só a arte fica, por isso só a arte vê-se, porque dura”¹⁵. O império infinito é então caracterizado como um “imperialismo de poetas”:

O imperialismo de poetas dura e domina; o dos políticos passa e esquece, se o não lembrar o poeta que os cante. Dizemos Cromwell

¹³ “À memória do presidente-rei Sidônio Pais” (1920), Lisboa, Inquérito, 1940. Depois publicado no volume I da edição da Ática, *Poesias completas de Fernando Pessoa*, de 1942.

¹⁴ Fernando Pessoa, *Sobre Portugal*, op. cit., p. 185.

¹⁵ Idem. *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, op. cit., p. 3.

INTRODUÇÃO

24 | *fez*, Milton *diz*. E nos termos longínquos em que não houver já Inglaterra (porque a Inglaterra não tem a propriedade de ser eterna), não será Cromwell lembrado senão porque Milton a ele se refere num soneto. Com o fim da Inglaterra terá fim o que se pode supor da obra de Cromwell, ou aquela em que colaborou. Mas a poesia de Milton só terá fim quando o tiver o homem sobre a terra, ou a civilização inteira, e, mesmo então, quem sabe se terá fim¹⁶.

Num outro texto, de 1925, Pessoa afirma categoricamente que o “início do reino do sol” já teria se concretizado em 1888, que é justamente o ano de seu nascimento:

A manhã de nevoeiro. Por manhã entende-se o princípio de qualquer coisa nova – época, fase, ou coisa semelhante. Por nevoeiro, entende-se que o Desejado virá “encoberto”; que, ao chegado, se não perceberá que chegou. A primeira vinda, 1640, mostra isto bem: a data marca o princípio de uma dinastia, e a vinda de D. Sebastião foi “encoberta”, foi através de nevoeiro, pois julgando todos – em virtude de sua simbologia primitiva – que o Encoberto era D. João IV, em verdade o Encoberto era o fato abstrato da Independência, como aqui se viu. Na Segunda Vinda, em 1888, por pouco que possamos compreender, compreendemos, contudo, que a profecia tradicional se cumpre: sabemos que 1888 é “manhã”, porque é o princípio do Reino do Sol – por onde se notará que o melhor não pode haver para que se simbolize por “manhã” –, e, estando nós já a 37 anos dessa data, sem que ainda possamos compreender o que nela se deu, não pode haver dúvida do caráter encoberto, nevoento, da Vinda Segunda de D. Sebastião¹⁷.

Para parte de seus críticos, o anúncio da chegada do “super-Camões” seria, em vista dessas evidências, uma

¹⁶ Idem, *Sobre Portugal*, op. cit., p. 240.

¹⁷ Idem, *Páginas de estética e de teoria e crítica literárias*, op. cit., p. 182-183.

CAIO GAGLIARDI

forma de autoproclamação do poeta como sendo ele mesmo o “novo imperador do mundo”, o protagonista dessa “segunda vinda”. Eis uma das chaves interpretativas da obra de Pessoa, que um manuscrito de 1914 – posterior em alguns meses ao chamado “dia triunfal”, marca do início do fenômeno heteronímico – evidencia:

25

Hoje, ao tomar de vez a decisão de ser Eu, de viver à altura do meu mister [...] reentrei de vez, de volta da minha viagem de impressões pelos outros, na posse plena do meu Gênio e na divina consciência da minha Missão. Hoje só me quero tal qual meu caráter nato quer que eu seja; meu Gênio, com ele nascido, me impõe que eu não deixe de ser.

[...]

Um raio hoje deslumbrou-me de lucidez. Nasci¹⁸.

Surge daí a imagem de um poeta que não apenas interpreta Portugal segundo uma perspectiva messiânica, mas que reconhece seu papel atuante na constituição desse novo corpo para o que, porventura, se chamará de nação.

No início dessa introdução, tomei por base a concepção de que as palavras são incapazes de romper o lacre que as separa do mundo, que sua substância não são pessoas, paisagens, sentimentos ou coisas, mas outras palavras. A essa altura, prestes a finalizar este texto, afirmo com ares de paradoxo que Pessoa entrevia para si um papel atuante sobre seu país, uma inclinação combativa que, afinal, ele sempre rejeitou. Pareço sugerir, com isso, que a “missão” da qual Pessoa

¹⁸ Manuscrito de 20/11/1914, em Fernando Pessoa, *Páginas íntimas de auto-interpretação*, seleção, prefácio e notas por Jacinto do Prado Coelho e Georg Rudolf Lind, Lisboa, Ática, 1966, p. 63-64.

INTRODUÇÃO

26 |

havia tomado consciência o levaria à ação. Mas, se virmos bem, o paradoxo é apenas aparente, porque esconde uma resposta bem diante de nossos olhos. É justamente da imponderabilidade de um texto deixar seu próprio corpo que *Mensagem*, obra que tão logo se apresenta como uma profecia, e que a tudo converte em símbolos, deixa de ser um anúncio, um presságio de alguma coisa que está por vir, para, em seu corpo de espaços vazios e ocupados por letras, fazer-se a si mesmo o império de sonhos portugueses. E Portugal não encontrará em nenhum outro lugar, senão nestas poucas páginas, sua maior redenção.

CRITÉRIOS DESTA EDIÇÃO

Mensagem não é um poema que se revela de imediato. No tom silente, na afirmação breve, na exatidão cristalina, na economia de meios, numa aparente simplicidade pronta a mostrar muito pouco do que ali está, ele parece ocultar todo o resto, naturalmente esquivo à pressa. Em suas 44 partes, que são outros poemas independentes entre si, tanto se encontrarão passagens que estão entre as mais lembradas de seu autor, quanto sutilezas, comoções contidas, que muito provavelmente pedirão outras leituras para que comecem a se desnudar. O caminho íntimo que leva até elas é o mais prazeroso e, felizmente, tem de ser percorrido individualmente.

Cabe a esta edição oferecer um aparato de informações que possa ser útil nessa busca, e que, porventura, abra outros caminhos até a poesia. A sugestão que fica é que se recorra ao Glossário, no final do volume, sempre que o desconhecimento de um nome ou termo importante se

CAIO GAGLIARDI

transforme numa pedra muito grande para ser transposta. Por ser este um poema que dialoga a todo tempo com a história e a mitologia, o confronto entre o dado e o texto tem um efeito de abertura de horizontes que não deve ser desprezado. Em *Mensagem*, a referência ao passado contém um presságio, um olhar para o futuro. Em outras palavras, a leitura de circunscrição histórica e, portanto, particular, abre caminho para a interpretação mitológica, de dimensão universal. Assim, nesse contato, tão ou mais importante do que a recorrência ao texto informativo é o retorno ao poema, idealmente livre de contextos.

| 27

O mesmo vale dizer para a seção Intertexto. Que *Mensagem* pressupõe *Os lusíadas*, de Camões, não é novidade. Por esse motivo, nos parece que o levantamento sistemático das passagens tematicamente semelhantes entre os poemas suscita novos pontos de vista com relação à sua leitura não comparativa. Para além da velha, e até certo ponto estéril, tarefa de identificação de fontes e influências, a aproximação com o texto de Camões se mostra ainda mais rica nos contrastes que produz.

No que diz respeito à estrutura do livro, fiei-me na edição portuguesa de Fernando Cabral Martins, de 1997, elaborada no cotejo com o exemplar de Pessoa, por ele revisado e anotado, e, a meu ver, de acordo com a publicação do poema. Ali, todo aparato crítico, datas e notas foram enviados para o final do volume, preservando o equilíbrio entre as partes, e a apresentação mais conforme com a da edição original. No que diz respeito à atualização ortográfica, primeiramente proposta em 1957, por David Mourão-Ferreira, optei por manter o apóstrofo para indicar a elisão das vogais, que é um procedimento comum em *Mensagem*. Isso acontece

INTRODUÇÃO

28

tanto no início de palavras, como em “sfíngico” (ao invés de simplesmente “sfingico”), quanto na justaposição do nome composto, em “Nun’Álvares” (ao invés de “Nunálvares”), e no meio de palavras, por exemplo em “esp’rança” (no lugar de “esprança”, que causa estranheza). Para o brasileiro, o apóstrofo tem, nesses casos, um efeito que não pode ser o mesmo daquele exercido sobre os leitores portugueses, justamente por demandar de nós uma elocução à portuguesa. Em todos os casos, a elisão é fundamental no que se refere à manutenção do sistema métrico do verso, o que é uma sutileza nem sempre reproduzida nas edições brasileiras, inclusive no excelente volume de Carlos Felipe Moisés, de 1989. Conforme seu volume, aliás, optei por apresentar os comentários sobre os poemas na forma de um Glossário, de modo a preservá-los da aposição de notas na página do texto. Adaptei a linguagem, também, às normas ortográficas brasileiras¹⁹, sempre que a modificação não implica diferença rítmica, rímica ou métrica com relação ao original.

Consta neste volume um Esquema Gráfico de *Mensagem*, em que se concatenam algumas informações e idéias a respeito do livro, e que, com sorte, podem ser úteis para sua compreensão e valoração. No seu final, disponibilizam-se as datas dos poemas (tais como o poeta as anotou no seu exemplar da 1ª edição), as seções referidas, Intertexto e Glossário, e uma seleção bibliográfica que, evidentemente, em muito suplanta o alcance deste volume.

¹⁹ Entre outros exemplos, preferiu-se “dourado” a “doirado”, “gênio” a “génio”, “reencarnaste” a “reincarnaste”, “virgemente” a “virgemente”, e “tetos” a “tectos”.

CAIO GAGLIARDI

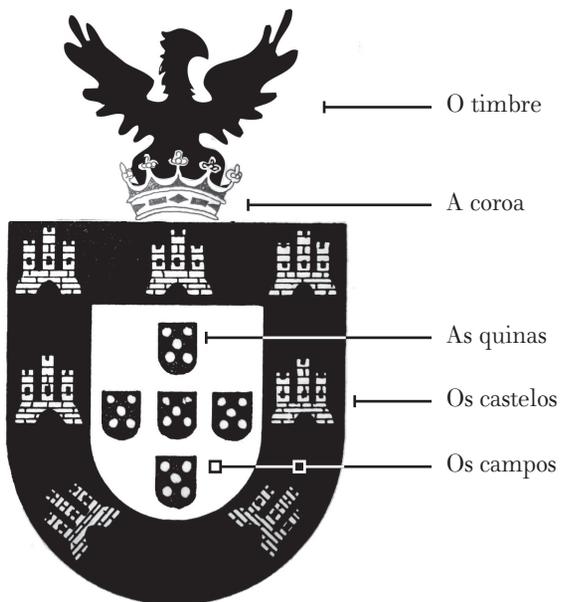
ESQUEMA GRÁFICO DO LIVRO

29

Mensagem compõe-se de 44 poemas, organizados em três partes. Sua arquitetura, complexa e minuciosamente planejada, apresenta, em si mesma, um caráter simbólico. A primeira parte do livro, destinada à definição espacial e temporal da nação, isto é, a demarcar sua origem, é toda ela um correlativo poético do Brasão das Armas de Portugal, uma imagem distintiva, rigidamente composta por diferentes figuras, que identificam a origem nobre da nação. Datado dos tempos das Cruzadas, o brasão português é encontrado em sua bandeira, e geralmente disposto nos escudos. O que serviu de modelo para *Mensagem* apresenta um grifo acima da coroa. São cinco as suas partes: 1) Os campos (interno e externo); 2) Os castelos; 3) As quinas; 4) A coroa; 5) O timbre. Seguem a imagem do brasão e um esquema gráfico do arranjo dos poemas no livro²⁰.

²⁰ Aqui, ligeiramente diferente dos propostos por José Augusto Seabra, em *Fernando Pessoa ou o poetodrama*, São Paulo, Perspectiva, 1974, p. 156; e Carlos Felipe Moisés, em *Roteiro de Leitura: Mensagem*, São Paulo, Ática, 2000, pp. 48-49. Ambos dispõem a primeira seção da primeira parte, “Os campos” (12), lado a lado com as demais seções. Como essa seção anuncia as seguintes, “Os castelos” (7) e “As quinas” (5), optei por marcar graficamente essa diferença hierárquica. Quanto à proposta de Seabra, falta ainda a indicação dos poemas referentes a “As quinas” (5) e ao “Mar português” (12).

BRASÃO DAS ARMAS DE PORTUGAL



MENSAGEM

Primeira parte

Brasão

"Os campos" (12 poemas)			
1º O dos castelos			
2º O das quinas			
"Os castelos" (7)	"As quinas" (5)	"A coroa" (1)	"O timbre" (3)
1º Ulisses	1ª D. Duarte Rei de Portugal	Nun'Álvares Pereira	A cabeça do grifo: O Infante D. Henrique
2º Viriato	2ª D. Fernando Infante de Portugal		Uma asa do grifo: D. João, o Segundo
3º Conde D. Henrique	3ª D. Pedro Regente de Portugal		A outra asa do grifo: Afonso de Albuquerque
4º D. Tareja	4ª D. João Infante de Portugal		
5º D. Afonso Henriques	5ª D. Sebastião Rei de Portugal		
6º D. Dinis			
7º D. João, o Primeiro			
7º (II) D. Filipa de Lencastre			

Segunda parte

Mar português

(12)	
I	O Infante
II	Horizonte
III	Padrão
IV	O mostrengo
V	Epitáfio de Bartolomeu Dias
VI	Os colombos
VII	Ocidente
VIII	Fernão de Magalhães
IX	Ascensão de Vasco da Gama
X	Mar português
XI	A última nau
XII	Prece

Terceira parte

O Encoberto

“Os símbolos” (5)	“Os avisos” (3)	“Os tempos” (5)
1º D. Sebastião	1º O Bandarra	1º Noite
2º O Quinto Império	2º António Vieira	2º Tormenta
3º O Desejado	3º “Screvo meu livro à beira-mágoa...”	3º Calma
4º As ilhas afortunadas		4º Antemanhã
5º O Encoberto		5º Nevoeiro